

Livro Primeiro

INTRODUÇÃO. INFÂNCIA E ANOS ESCOLARES

Oh, uma bênção existe nesta doce brisa,
Uma aparição que ao deslizar pelo meu rosto
Quase parece sentir a alegria que traz
Dos campos verdejantes e do longínquo céu azul.
Qualquer que seja a sua missão, para mais ninguém
Esta suave brisa é tão agradável como para mim, que fugi
De uma vasta cidade¹, onde fui um hóspede infeliz
Que há muito definhava. Agora sou livre,
Livre como as aves para viver onde quero.
Que casa me vai receber? Em que vale
Encontrarei o meu porto? Em que bosque
Criarei o meu lar? E que límpido ribeiro
Embalará com o seu murmúrio o meu repouso?
A terra está perante mim toda ela². Com o coração
Feliz, sem rezear a própria liberdade,
Olho em redor; e, se o guia escolhido
For apenas uma nuvem passageira,
Não me enganarei no caminho. Respiro de novo!
Pensamentos arrebatados e a exaltação do espírito
Assaltam-me repentinamente: repudio
Este peso do meu ser a si mesmo estranho,
O pesado fardo de muitos e fatigantes dias
Que não eram meus, nem a mim destinados.
Longos meses de paz (se esta palavra ousada
Se harmonizar com as promessas da vida humana),

Longos meses de tranquilidade e de imperturbado deleite
Hão-de ser meus; para onde me voltar,
Para a estrada, para a vereda ou através dos campos,
Subindo ou descendo uma encosta, ou para qualquer coisa
Que fluuando no rio me venha indicar o caminho?

Querida Liberdade! Mas para que serviria
Esse dom se não consagrasse a alegria?
Porque ao descer o doce alento do céu
Sobre o meu corpo, julguei sentir
Uma brisa semelhante, cuja suave agitação
Me reanimou, para agora se transformar
Numa tempestade, cujo poder excessivo
Atormentava a sua própria obra. Grato a ambos
E aos seus benéficos poderes, que, reunidos
Para destruir uma prolongada geada,
Trazem consigo promessas primaveris, a esperança
De dias activos, animados pelo voo das horas,
Dias de agradável ócio, cheio de resignados pensamentos
Obscuros, com as suas pontuais orações,
Matinas e vésperas de harmoniosos versos!

Eu, ó meu amigo, que não costumo fazer
De uma presente alegria o motivo de uma canção,
Abri, naquele dia, a minha alma em harmoniosos poemas
Que não seriam esquecidos e deixo aqui
Inscritos; fiz aos campos abertos
Uma profecia; a melodia poética veio
Espontaneamente cobrir com uma veste sacerdotal
Um espírito renascido e eleito,
Tal a minha esperança de servir o sagrado.
A minha própria voz me animou e, mais ainda, o eco
Interior do espírito da harmonia imperfeita;
Escutei um e outro, retirando de ambos
Uma alegre confiança no futuro.

Feliz e disposto agora a dar
Repouso a esta paixão, continuei a caminhar
Com passos impacientes e enérgicos; cheguei
Finalmente a um bosque verdejante, onde me sentei

Debaixo de uma árvore, decidido a apaziguar os meus pensamentos,
Entregue a uma felicidade mais amena.
Estávamos no Outono, um dia límpido e calmo,
Com um aprazível calor do Sol declinando
Há duas horas para ocidente; um dia
Com nuvens prateadas, e o Sol a descer sobre a erva
Num acolhedor bosque que nos abrigava
Em total quietude. Muitos eram os pensamentos
Que encorajava e abandonava, até ter escolhido
Um conhecido Vale, para onde os meus passos
Se dirigiam sem descanso até chegar à porta
Da única casa que imaginei ver.
Nunca recordei uma imagem que me parecesse
Tão bela; e enquanto nesse quadro sonhado
Eu fixava o olhar com crescente amor, uma força mais forte
Que a Imaginação me dava a certeza de uma tarefa
Gloriosa que lá seria de imediato iniciada,
Talvez ali também concluída. Assim longo tempo meditei,
Sempre abandonado ao meu devaneio,
A não ser quando, no majestoso bosque de carvalhos,
Aqui e ali, uma bolota abandonava o seu cálice
E roçava pelas folhas secas ou caía de repente
Na terra nua com um ruído que me sobressaltava.
Não me levantei dessa cama macia até o Sol
Ter quase tocado no horizonte; depois estendi
Um olhar mais para trás, para a espiral do fumo
Das cidades que ao longe parecia ser o de uma aldeia.
Com a avidez de um estudante ocioso ou fugitivo,
Mas decidido como se fosse um peregrino, segui,
Apenas com o que tinha naquele momento,
A estrada que me levaria ao Vale escolhido.
Estava uma tarde magnífica, e a minha alma
De novo pôs à prova a sua força, entregue
Às inspirações eólicas; mas a harpa
Em breve ficou muda e todos aqueles sons
Harmoniosos acabaram por ficar dispersos
E por fim fez-se o silêncio total! «Assim seja;
Para quê pensar noutra coisa além da felicidade do momento?»
Assim, como um camponês ao dirigir-se para casa, segui
O meu caminho sob um sol brando, que chegava

Tão suavemente, dissipando qualquer desejo
De submeter outra vez esse tempo sagrado
A uma tarefa servil. Para quê tantas palavras?
Uma viagem agradável e sem ter pressa
Durante três dias levou-me ao meu eremitério.
Omito o que se seguiu, a vida no seio
Das coisas simples — a infinita abundância das coisas
Raras, ou pelo menos assim pareciam, todos os dias
Encontradas à minha volta, ali tão perto —
A minha própria satisfação e, de manhã
À noite, uma serena e contínua alegria.
Mas em breve surgiu em mim uma intensa ânsia
De me animar para um determinado fim,
Lendo ou meditando; quer para armazenar
Novas energias, quer para salvar da decadência as antigas
Antes que fosse tarde; e com isso
Uma esperança ainda maior de conseguir
No mundo exterior as aéreas fantasias
Que há muito flutuavam no meu pensamento
A fim de continuamente lhes transmitir
Os muitos sentimentos que me oprimiam o coração.
Essa esperança foi ludibriada; a luz que esperava
Desponta do Oriente, mas desponta para desaparecer
E assim enganou-me com um céu que não chega
A uma manhã constante; se a minha alma,
Recordando uma intensa promessa do passado,
Quiser com alegria abordar um tema elevado,
Vão é o seu desejo; para onde quer que se volte encontra
Obstáculos de dia para dia renovados.

E agora contentar-me-ia por uns tempos a renunciar
Àquelas sublimes esperanças pela actual dádiva
De um trabalho mais humilde³. Mas, oh, meu querido Amigo!
Por muito afável que seja, o poeta
Tem, como o amante, os seus momentos de perturbação,
As suas crises em que nem está são nem doente,
Embora, junto de si, nada o angustie a não ser os seus próprios
Pensamentos ingovernáveis: o seu espírito, feliz
A meditar, tão submisso, como pomba
No ninho, nem sempre a isso se sujeita,

Mas, tal como a ave inocente, sente o impulso
Que a impele desesperada pelos bosques;
Essa é também a paixão que sinto e culpado
Serei se a ela me entregar demasiado tempo.

Quando, como convém a um homem que se quer preparar
Para uma tarefa tão árdua, eu próprio faço
Uma rigorosa pesquisa e o resultado
É muitas vezes animador; pois não parece
Faltar-me aquele primeiro e grandioso dom, a alma vital,
Nem aquelas verdades gerais, que são elas próprias
Uma espécie de elementos e agentes, de íntimas energias
Capazes de ajudarem o espírito vivo;
Não me encontro privado das coisas exteriores,
Formas e imagens, nem de inúmeras outras ajudas
De menor importância, embora conseguidas com esforço
E necessárias para construir a glória do poeta.
O tempo, o lugar e os costumes, procuro-os e encontro-os
Em abundância, mas em parte alguma com uma qualidade
Tal que possam ser escolhidos com segurança;
Não são muitos os nomes recordados ainda
Pelos quais poderei com segurança esperar
Que sejam evocados de um solitário desterro
Para que habitem os corações dos homens
Que vivem ou que no futuro hão-de viver.
Por vezes, a minha ambiciosa escolha, confundindo
As grandes marés da Primavera com as ondas mais serenas,
Irá decidir-se por qualquer tema do meu país ou por um velho
Conto romântico que Milton não cantou⁴;
Muitas vezes regressando a algum lugar agradável
No meio dos bosques da Cavalaria, toco flauta
Para os jovens pastores, ou sento-me segurando na harpa
Junto dos cavaleiros que repousam à beira-rio
Ou perto de uma fonte, escuto as graves histórias
Acerca de terríveis encantamentos que uma alma forte
Enfrentou e venceu, e as narrativas de feitos guerreiros,
Onde a lança se opunha à lança e a espada lutava
Contra a espada, como se tivessem consciência do brasão
Que havia nos escudos, tão gloriosa era a luta;
Daí viria a inspiração para uma canção que serpentearia